



25 DE ABRIL, SEMPRE
PARTE I. O MOVIMENTO DAS COISAS

cinemateca
1 - 30 abril 2014

25 DE ABRIL, SEMPRE

PARTE I. O MOVIMENTO DAS COISAS



Ao longo de todo o mês de abril, data em que se assinalam os 40 anos da revolução, o núcleo central do programa é dedicado ao cinema documental feito em Portugal nos primeiros anos da revolução e ao registo desse momento particularmente intenso da história do país. Balizado por BRANDOS COSTUMES e GESTOS & FRAGMENTOS, o Ciclo inclui a apresentação de títulos centrais da filmografia de abril que interrogam a revolução no seu conjunto, como BOM POVO PORTUGUÊS, mas também raridades e um foco no cinema amador, estruturando-se em três grandes eixos.

Uma primeira parte – relacionando-se com os Ciclos Paulo Rocha e Fernando Lopes, e antecedendo uma retrospectiva António da Cunha Telles –, revela como, antes da revolução, “o cinema já era novo”, ou seja: como já havia sofrido uma profunda transformação, naquela que, no catálogo *Cinema Novo Português*, João Bénard da Costa interroga se seria uma “revolta ou revolução?”. Para lá das “presenças virtuais” (alguns dos filmes mais emblemáticos do Cinema Novo, realizados pelos autores citados), parte dos títulos incluídos neste núcleo

do programa foram os últimos a ser proibidos pela censura e os primeiros a ser exibidos, demonstrando o forte poder de antecipação do cinema. Entre eles, O MAL AMADO e JAIME, estreado logo a 2 de maio no Cinema Império, numa mítica sessão conjunta com O COURAÇADO POTEKINE.

Do “cinema de abril”, apresentamos um conjunto significativo de filmes de registo mais militante, que simultaneamente documentavam e procuravam intervir no quotidiano do processo revolucionário em curso (PREC), muitos dos quais realizados coletivamente a partir de estruturas recém-criadas (Grupo Zero, Cinequipa, Cinequanon, etc.) e produzidos para ou pela televisão. Documentários que, dependendo da sua perspetiva e ambição, se aproximam frequentemente do registo da reportagem e que, se participam de uma vontade de “dar a voz ao povo”, subordinam-na muitas vezes a um discurso marxista e à crença na necessidade de tudo explicar. Filmes de “Ação e Intervenção” (título de uma série produzida pela Cinequanon) sobre as lutas operárias e camponesas ou outras “temáticas revolucionárias”, pensados aqui de um modo alargado, extensível aos filmes de artistas e de cineastas amadores, nos diferentes modos como olham a revolução.

Refletindo uma “divisão” muito discutida na época, em paralelo com este “cinema revolucionário”, que emerge

em abril de 74 associado à urgência de registo do presente, no mesmo período encontramos todo um núcleo de filmes de cariz etnográfico, que interrogam as raízes míticas e simbólicas do imaginário português, em prol de “uma cultura popular”. Movimento muito expressivo na produção cinematográfica portuguesa de então, que se relaciona com todo o trabalho anteriormente desenvolvido pelo Centro Português de Cinema e em que tem particular relevância o projeto do “Museu da Imagem e do Som”, em que se incluem filmes emblemáticos como TRÁS-OS-MONTES ou MÁSCARAS. Se a deslocação das equipas de cinema para o campo é uma característica comum às duas grandes tendências do “cinema de abril” aqui convocadas, e se a actualidade política se imiscui inevitavelmente em ambas, separava-as o plano das intenções. Todavia, são muitos os realizadores e os filmes que atravessam todo o programa.

Neste contexto, o dia 25 conta com um programa especial em que se inclui a longa-metragem AS ARMAS E O POVO, um restauro de TORRE BELA e parte da histórica emissão televisiva de dia 25 de abril de 1974. O programa é organizado em colaboração estreita com a RTP, de cujo arquivo vêm boa parte das cópias de alguns dos títulos menos vistos deste período. O Ciclo prolonga-se em maio, com uma segunda parte dedicada ao trabalho sobre a memória da revolução.

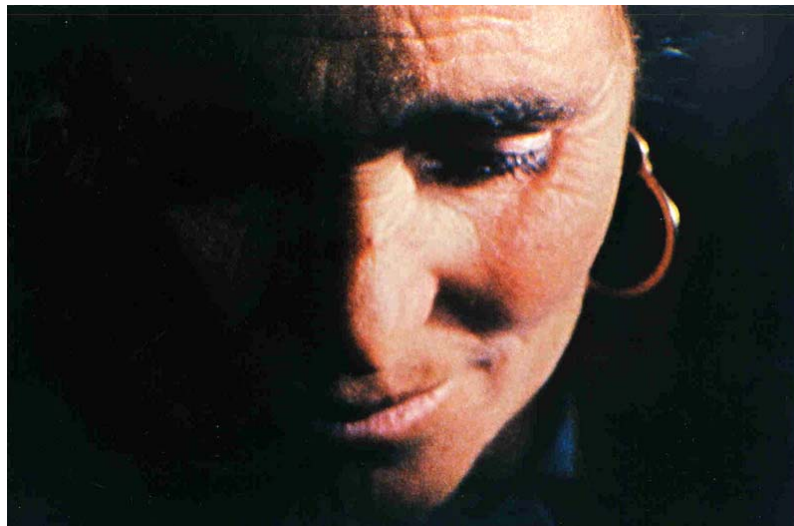
BRANDOS COSTUMES

de Alberto Seixas Santos

com Luís Santos, Dalila Rocha,
Sofia de Carvalho, Isabel de Castro

Portugal, 1975 – 72 min

Filmado antes do 25 de abril, BRANDOS COSTUMES só estrearia nas salas em setembro de 1975. Filma-se a morte de um pai de família e dá-se a ver a ascensão e queda do Estado Novo através de imagens de arquivo, parte das quais só seriam acrescentadas ao filme já depois da revolução. Prodigiosamente moderno e radical nos seus propósitos fragmentários, o primeiro filme de Seixas Santos é simultaneamente o primeiro dos filmes do 25 de abril.

Ter. [01] 19:00 | sala Dr. Félix Ribeiro

INTERROGAR A REVOLUÇÃO

DEUS PÁTRIA AUTORIDADE

de Rui Simões

Portugal, 1975 – 103 min

Neste filme, Rui Simões analisa a História portuguesa, da implantação da República em 1910 ao 25 de abril de 1974, num projeto de desconstrução da ideologia salazarista e dos seus principais dogmas, utilizando imagens do Estado Novo e uma montagem onde assume uma visão pessoal da História, à luz da teoria da luta de classes. O título reenvia para o discurso de Oliveira Salazar em 1936, “Não discutimos Deus e a virtude, não discutimos a Pátria e a Nação. Não discutimos a Autoridade e o seu prestígio”. São os termos que Rui Simões traz à discussão neste seu primeiro documentário assente em material de arquivo que se propõe pensar a revolução à luz de tudo o que a precedeu.

Ter. [01] 21:30 | sala Dr. Félix Ribeiro

O CINEMA JÁ ERA “NOVO”

DOM ROBERTOde Ernesto de Sousa
com Raul Solnado, Glicínia Quartín

Portugal, 1962 – 102 min

DOM ROBERTO representou uma inédita experiência cinematográfica em Portugal, tendo sido produzido em regime de “cooperativa de espectadores” ligado ao cineclubismo. O filme ficou na história do cinema português como uma incursão no neorealismo e representou o primeiro sinal de mudança. É a história, de características chaplinescas, em que um bonecreiro e uma pobre rapariga procuram sobreviver mantendo a esperança face à adversidade. Um título imprescindível para evocar as origens do Cinema Novo que, juntamente com PÁSSAROS DE ASAS CORTADAS (1963), dividiu opiniões.

Qua. [02] 15:30 | sala Dr. Félix Ribeiro

O CINEMA JÁ ERA “NOVO”

O AUTO DA FLORIPESde Secção de Cinema Experimental do
Cineclube do Porto

Portugal, 1960 – 57 min

JAIME

de António Reis

Portugal, 1974 – 35 min

duração total da sessão: 92 min

O AUTO DA FLORIPES é um filme muito pouco visto onde se cruzam muitas histórias. É o primeiro filme em que participa António Reis, enquanto parte do coletivo do Cineclube do Porto que o realizou, e foi depois de ver O AUTO DA FLORIPES que Oliveira o convidou para seu assistente no ACTO DA PRIMAVERA. Mas este é antes de mais um belíssimo filme que confirma o vigor e a criatividade do Cineclubismo da época e um dos mais belos exemplos de um cinema que procura registar a cultura popular. JAIME, por seu lado, é um dos

primeiros trabalhos do poeta do cinema português a solo. Em 1974 irrompeu na nossa cinematografia como um gesto único de solidez e força instintiva. Tendo sido um dos últimos filmes proibidos, foi dos primeiros a estreiar. A acompanhá-lo, no cinema Império, estava O COURAÇADO POTEMKINE. O máximo de originalidade com o máximo de modernidade.

Qua. [02] 21:30 | sala Dr. Félix Ribeiro

O CINEMA JÁ ERA “NOVO”

O RECADO

de José Fonseca e Costa

com Maria Cabral, Paco Nieto, Luís Rocha

Portugal, 1971 – 110 min

Em O RECADO, a personagem de José Viana chama-se Maldevivre, e no final do filme profere uma frase eloquente quando diz continuar à espera “que a raiva cresça e rebente”. Filme político e necessariamente elíptico (corriam ainda anos de censura), O RECADO, história sobre desistentes, como disse Fonseca e Costa, é também um filme de interpretações poderosas, com destaque para a sempre extraordinária presença de Maria Cabral.

Qui. [03] 15:30 | sala Dr. Félix Ribeiro

O CINEMA JÁ ERA “NOVO”

CATEMBE**CORTES DE CENSURA DE CATEMBE**

de Faria de Almeida

Portugal, 1964 – 45 min + 11 min

DEIXEM-ME AO MENOS SUBIR ÀS PALMEIRAS...

de Lopes Barbosa

com Gabriel Chiau, Helena Ubisse,
Estêvão Macunguel

Portugal, 1972 – 71 min

legendado eletronicamente em português

duração total da sessão: 127 min

Coproduzido por Faria de Almeida com António da Cunha Telles, na sua versão original de 87 minutos o filme chamava-se CATEMBE – 7 DIAS EM LOURENÇO MARQUES e incluía uma reportagem sobre a capital moçambicana como cidade turística. Retalhado pela censura que lhe impôs 103 cortes correspondentes a planos de negativo que foram destruídos, teve uma segunda versão (de 48 minutos) que foi igualmente interdita. CATEMBE é uma valiosa obra da filmografia portuguesa que permaneceu invisível durante largo tempo mas é agora possível apresentar em cópia nova. DEIXEM-ME AO MENOS SUBIR ÀS PALMEIRAS..., primeira longa-metragem de Joaquim Lopes Barbosa, foi rodada entre 1971 e 1972 nos arredores de Lourenço Marques (atual Maputo) e no norte de Moçambique, onde o realizador se radicara após um estada em Angola. Inspirado no poema *Monangamba*, de António Jacinto, e no conto *Dina*, de Luís Bernardo Honwana, o filme denuncia a violência do colonialismo e foi interpretado por atores negros empregados em repartições públicas, nos caminhos de ferro, e em bancos. Falado em ronga, um dialeto do sul de Moçambique, em português e em inglês, DEIXEM-ME AO MENOS SUBIR ÀS PALMEIRAS... seria proibido na íntegra pela censura.

Qui. [03] 21:30 | sala Dr. Félix Ribeiro

O CINEMA JÁ ERA “NOVO”

PERDIDO POR CEM...

de António-Pedro Vasconcelos com José Cunha, Marta Leitão, Nuno Martins Portugal, 1972 – 117 min

Foi a primeira longa-metragem de António-Pedro Vasconcelos, com a marca da Nova Vaga Francesa e a referência do neorealismo italiano. É um filme lisboeta, de planos sequência, câmara à mão, som

direto, atores não profissionais, de que Fernando Lopes falou como “um imenso adeus aos nossos verdes anos.” “Nenhuma obra anterior [no cinema português] tinha aplicado tão convictamente a ‘gramática’ da Nouvelle Vague” (José Manuel Costa). Filme de estreia de Vasconcelos, será secundado pelos importantes EMIGR ANTES... E DEPOIS? e ADEUS, ATÉ AO MEU REGRESSO, também programados.

Sex. [04] 19:00 | sala Dr. Félix Ribeiro

O CINEMA JÁ ERA “NOVO”

PEDRO SÓ

de Alfredo Tropa com António Montez, Ermelinda Duarte Portugal, 1971 – 77 min

Pedro, um camponês de uma aldeia montanhosa no interior, envolve-se numa luta de famílias e mata outro companheiro, no momento que este atacava o seu pai. Desesperado, foge de si mesmo e dos outros, tornando-se num vagabundo, mantendo apesar de tudo, uma certa dignidade que o distingue dos outros, vulgares pedintes. Com argumento em que colaborou Fernando Assis Pacheco, PEDRO SÓ é um olhar duro sobre a ruralidade portuguesa (Trás-os-Montes, no caso) em princípios da década de setenta.

Sex. [04] 22:00 | sala Luís de Pina

O CINEMA JÁ ERA “NOVO”

A CAÇA

de Manoel de Oliveira Portugal, 1963 – 21 min

O PASSADO E O PRESENTE

de Manoel de Oliveira com Maria de Saisset, Bárbara Vieira, Pedro Pinheiro, Manuela de Freitas, Duarte de Almeida Portugal, 1971 – 136 min
duração total da sessão: 157 min

A CAÇA é uma poderosa alegoria sobre o destino humano em forma “semi-documental”, que mostramos com os seus dois finais: o “*happy end*” imposto pela censura em 1963, exigido para a aprovação do filme, e o final pensado por Oliveira. No genérico inicial, uma advertência: “Este filme foi inspirado num acontecimento verídico. A sua relação com a caça é mais simbólica do que real”. Adaptado de uma peça de Vicente Sanches, O PASSADO E O PRESENTE é um dos mais discutidos filmes de Oliveira. Uma sátira social sobre uma mulher obcecada pelas memórias dos maridos defuntos e que não consegue amar os maridos vivos. A morte do segundo vem fazer reviver uma série de situações, juntando o macabro e o grotesco. O grande “necrofilme português” como lhe chamou João César Monteiro. As opiniões dividem-se sobre qual destas duas obras tão diferentes é o mais “buñueliano” dos filmes de Manoel de Oliveira.

Sáb. [5] 15:30 | sala Dr. Félix Ribeiro

O CINEMA JÁ ERA “NOVO”

VERÃO COINCIDENTE

de António de Macedo Portugal, 1962 – 13 min

NOJO AOS CÃES

de António de Macedo com Avelino Lopes, Clara Silva, Eduarda Pimenta, Helena Balsa, Hilda Silvério Portugal, 1970 – 93 min
duração total da sessão: 106 min

VERÃO COINCIDENTE, a obra inaugural de Macedo, parte do motivo do calor interpretando um poema de Maria Teresa Horta e revelando a singularidade da aproximação experimental do realizador: “O filme foge aos cânones correntes da nossa produção. [...] é um filme de feição

modernizada, de montagem abrupta, gritante, de imagens insólitas” [...] Macedo é um teórico que quer experimentar as suas teses e, como motivo central do seu pensamento, romper com a linguagem estabelecida, atingir uma expressão fílmica diferente” (Luís de Pina). De registo experimental e temática contestatária, adotando premissas do cinema direto, a terceira longa-metragem de António de Macedo foi produzida pelo próprio e a expensas suas, o apoio da Valentim de Carvalho e da Ulyssea Filme. A ação de NOJO AOS CÃES dura o tempo da projeção do filme seguindo uma manifestação de estudantes que termina com a intervenção da polícia política. Proibido pela censura, foi exibido nas edições de 1970 dos festivais de Bérghamo e de Benalmadena, onde foi distinguido com o prémio da Federação Internacional dos Cineclubes. Foi ainda premiado no Festival de Valladolid 1970.

Sáb. [5] 19:00 | sala Dr. Félix Ribeiro

O CINEMA JÁ ERA “NOVO”

QUEM ESPERA POR SAPATOS DE DEFUNTO MORRE DESCALÇO

de João César Monteiro com Luís Miguel Cintra, Carlos Ferreira, Paula Ferreira, Nuno Júdice Portugal, 1971 – 33 min

FRAGMENTOS DE UM FILME-ESMOLA

de João César Monteiro com Manuela de Freitas, João Perry, Dalila Rocha, Catarina Coelho, Fernando Luso Soares, Maria Clementina Monteiro, José Gabriel Trindade Santos, Voz de Luís Miguel Cintra Portugal, 1972 – 72 min
duração total da sessão: 105 min
Segundo filme de João César Monteiro, logo revelador do seu fôlego, QUEM ESPERA POR

SAPATOS DE DEFUNTO MORRE DESCALÇO sofreu cortes censórios que impediram a sua estreia, mas foi felizmente entendido por alguns, à época, como o grande filme que é. “Opaco, secreto como um búzio”, chamou-lhe César. Foi o primeiro filme de Luís Miguel Cintra, na personagem de Lívio, que interpretou 18 anos depois em RECORDAÇÕES DA CASA AMARELA, mandando João de Deus “ir e dar-lhes trabalho”. FRAGMENTOS DE UM FILME-ESMOLA, também conhecido como “A Sagrada Família” e filmado em 16mm, som direto e longos planos-sequência, foi durante muito tempo um filme invisível. O primeiro trabalho de João César com Manuela de Freitas, um filme de reflexos e desvarios.

Sáb. [5] 21:30 | sala Dr. Félix Ribeiro

O CINEMA JÁ ERA “NOVO”

SOFIA E A EDUCAÇÃO SEXUAL

de Eduardo Geadá com Io Apolloni, Luísa Nunes, Artur Semedo, Carlos Ferreiro, Conceição Isidoro Portugal, 1973 – 100 min

Segundo as próprias palavras do seu autor SOFIA E A EDUCAÇÃO SEXUAL “procura desmontar algumas das obsessões da burguesia nacional”. Produzido pouco antes da revolução de 74, o primeiro filme de Geadá centra-se na história de uma jovem rapariga que, ao regressar do colégio onde foi internada após o falecimento da mãe, descobre na relação do seu pai com a amante uma realidade equívoca à qual não consegue escapar. A sua distribuição não escapará às malhas da censura.

Seg. [07] 19:00 | sala Dr. Félix Ribeiro

O CINEMA JÁ ERA “NOVO”

ENTREMÊS FAMOSO SOBRE A PESCA DO RIO MINHO

de Luís Galvão Teles, Manuel Carlos da Silva, Elso Roque Portugal, 1972 – 33 min

FESTA, TRABALHO E PÃO EM GRIJÓ DE PARADA

de Manuel Costa e Silva Portugal, 1973 – 34 min

FALAMOS DE RIO DE ONOR

de António Campos Portugal, 1974 – 63 min
duração total da sessão: 130 minutos

De carácter etnográfico, anterior a 1974, FESTA, TRABALHO E PÃO EM GRIJÓ DE PARADA é um título fundamental da obra de Costa e Silva, registando uma festa religiosa pagã e cristã associada ao solstício de inverno onde cabe uma dupla dimensão lúdica e política. A par de VILARINHO DAS FURNAS, FALAMOS DE RIO DE ONOR é um dos mais divulgados filmes de António Campos. A existência da aldeia transmontana, fronteira a Espanha, foi-lhe indicada em 1971 por Jorge Dias e o projeto nasce da vontade de comparar as comunidades de Vilarinho das Furnas e de Rio de Onor, exemplares de um regime comunitário então em extinção em Portugal. O filme é rodado entre outubro de 1972 e agosto de 1973 (numa altura em que o comunitarismo de Rio de Onor se encontrava já em decadência), mas, por dificuldades de pós-produção várias, foi exibido uma única vez em outubro de 1974, só tendo uma difusão mais alargada dois anos depois. A abrir a sessão, uma raridade que mostraremos numa cópia em vídeo: ENTREMÊS FAMOSO foi um dos primeiros filmes assinados coletivamente pelos seus realizadores. Como descrevia um “guia do espectador”, redigido para

acompanhar a sua distribuição, procurava “penetrar um pouco no ‘espírito’ dessa região, na sua história, nas suas lendas, nos seus mitos (penetrar em profundidade nas realidades sociais não era possível nas condições concretas de produção do filme, feito em 1972), bem como olhar as coisas que iam sendo filmadas não de uma forma descritiva mas ‘emocional’”.

Seg. [07] 22:00 | sala Luís de Pina

O CINEMA JÁ ERA “NOVO”

O MAL AMADO

de Fernando Matos Silva com João Mota, Maria do Céu Guerra, Zita Duarte, Fernando Gusmão, Helena Félix Portugal, 1974 – 99 min

O MAL AMADO ou a inquietação da juventude estudantil em vésperas do 25 de abril. O desencanto da pequena burguesia e as suas oscilações ideológicas, na figura de um jovem que procura romper com a sua classe mas a ela volta sempre, tendo como cenário o bairro de Campo de Ourique. Proibido pela censura e só estreado depois do 25 de abril, mais concretamente a 3 de maio.

Ter. [08] 19:00 | sala Dr. Félix Ribeiro

O CINEMA JÁ ERA “NOVO”

BENILDE OU A VIRGEM MÃE

de Manoel de Oliveira com Maria Amélia Matta, Jorge Rola, Jacinto Ramos, Maria Barroso, Augusto de Figueiredo, Glória de Matos Portugal, 1974 – 106 min

BENILDE OU A VIRGEM MÃE é a adaptação fiel da peça homónima de José Régio (1947) e foi o filme que marcou a consagração internacional de Oliveira. É uma obra que nos leva à significação última da corporalidade e da oralidade, permanentes manifestações

da morte ou da luta contra ela. Maria Barroso e Augusto de Figueiredo que, à data da estreia da peça tinham representado os protagonistas, surgem agora nos papéis da criada e do padre. Foi um dos últimos filmes apoiados pelo Centro Português de Cinema e um dos primeiros a ser apoiado pelo recém-criado fundo do Instituto Português de Cinema, um mês antes da Revolução. Teve estreia discreta no quente mês de novembro de 1975. Acusado de ter realizado um filme reacionário, à época Oliveira dizia: “o cinema revolucionário está atrasado face à revolução”. BENILDE foi pretexto para acasas polémicas em que se debatia o futuro de um país, mas também o futuro do cinema.

Ter. [08] 21:30 | sala Dr. Félix Ribeiro

INTERROGAR A REVOLUÇÃO

SCENES FROM THE CLASS STRUGGLE IN PORTUGAL

de Robert Kramer, Philip Spinelli narrado por Robert Kramer Estados Unidos, Portugal, 1977 – 96 min legendado em português

Embora tenha como tema a “luta de classes” em Portugal, mostrada em imagens de arquivo, permanentemente orientadas por um comentário em *off*, Kramer considerou este filme como o ponto final do seu período americano. Com o passar dos anos, adquiriu uma perfeita consciência de que se tratava de uma obra datada, mas nunca a renegou e assim se manifestou numa carta de 1995: “Fico feliz por mostrarem este filme, pois tantos anos depois, é como dar notícias de um sítio que não existe, informações sobre um tempo que realmente existiu”. À época em Portugal, houve quem pensasse em ressuscitar a censura para proibir o filme.

Qua. [09] 19:00 | sala Dr. Félix Ribeiro

REVOLUÇÃO

Portugal, 1975 – 11 min

DIGA-ME, O QUE É A CIÊNCIA? – I

Portugal, 1976 – 20 min

DIGA-ME, O QUE É A CIÊNCIA? – II

Portugal, 1976 – 15 min

de Ana Hatherly

AS PAREDES PINTADAS DA REVOLUÇÃO PORTUGUESA

de António Campos

Portugal, 1976 – 8 min

duração total da sessão: 64 minutos

Para além do seu trabalho no domínio da literatura e das artes plásticas, Ana Hatherly também se interessou pelo cinema. Esta sessão reúne três dos seus mais importantes filmes que fazem parte de um trabalho, por norma “experimental” na aceção comum do termo, e que se relacionam diretamente com o período revolucionário. São três títulos que, como refere a artista, participam de uma mesma vontade de “dar a voz ao povo”. O magnífico REVOLUÇÃO convoca para o cinema o princípio dos seus “cartazes rasgados” e as pinturas murais por onde se disseminavam palavras de ordem. DIGA-ME, O QUE É A CIÊNCIA? – I e II, que Hatherly designava respetivamente como “operários” e “camponeses”, sobressaem pela simplicidade do seu método interrogativo e pelo modo como são questionados os seus protagonistas. A encerrar a sessão um filme muito pouco visto de António Campos produzido pelo Partido Comunista: AS PAREDES PINTADAS DA REVOLUÇÃO PORTUGUESA. DIGA-ME, O QUE É A CIÊNCIA? – II é mostrado em cópia nova.

Qua. [09] 21:30 | sala Dr. Félix Ribeiro**TRÁS-OS-MONTES**

de António Reis, Margarida Cordeiro com os habitantes de Bragança e Miranda do Douro

Portugal, 1976 – 111 min

Juntos, António Reis e Margarida Cordeiro assinaram uma das mais singulares obras do cinema português construída nos anos 1970/80 em TRÁS-OS-MONTES, ANA e ROSA DE AREIA. O começo de António Reis foi a solo, com JAIME, que mostramos também neste programa. Sobre TRÁS-OS-MONTES, canto de amor a uma região e uma das obras máximas do cinema português, observou Fernando Lopes: “É talvez a primeira vez no cinema português que um filme estabelece uma síntese dialética ambiciosa quanto ao que os sociólogos chamam de cultura popular”. É o filme charneira do “Museu da Imagem e do Som”, projeto teorizado por António Reis, de que também farão parte NÓS POR CÁ TODOS BEM, MADANELA, MÁSCARAS, e muitos outros filmes deste Ciclo.

Qui. [10] 19:00 | sala Dr. Félix Ribeiro

AÇÃO E INTERVENÇÃO

A LUTA DO POVO – A ALFABETIZAÇÃO EM SANTA CATARINA

de Grupo Zero

Portugal, 1976 – 29 min

ASSIM COMEÇA UMA COOPERATIVA

de Grupo Zero

Portugal, 1977 – 16 min

A LEI DA TERRA

de Grupo Zero

Portugal, 1977 – 67 min

duração total da sessão: 102 minutos

Três filmes produzidos e realizados pelo

coletivo Grupo Zero, demonstrativos do desenvolvimento de uma produção cinematográfica que acompanhava de perto as lutas camponesas e operárias do período pós-revolucionário. Do Grupo Zero fizeram parte, entre outros, Acácio de Almeida, Alberto Seixas Santos, Fernando Belo, Joaquim Furtado, José Luís Carvalhosa, Leonel Efe, Lia Gama, Paola Porru, Serras Gago, Solveig Nordlund ou Teresa Caldas. A LUTA DO POVO centra-se na aldeia de Santa Catarina, no Alentejo, onde decorrem cursos de alfabetização para adultos. Só aos quarenta e quatro anos, Alfredo, um trabalhador agrícola, pôde aprender o que são as letras, a política, a vida cooperativa. A LUTA DO POVO destaca-se pelo facto de O Grupo Zero filmar o plenário dos moradores que assistem na escola à projeção de imagens do próprio filme, revelando como o cinema tinha um papel determinante em todo o processo revolucionário ao explorar o típico modelo do cinema militante da projeção seguida de debate. ASSIM COMEÇA UMA COOPERATIVA acompanha os esforços de um grupo de pequenos agricultores de Barcoço, na zona de Coimbra, cuja ideia de formar uma cooperativa nasceu na banda de música que a maior parte integrava. Mais abrangente, A LEI DA TERRA centra-se no processo da Reforma Agrária, retratado nas suas dimensões política, social e económica, com recurso à perspetiva histórica e ao seu respetivo comentário em *off* a duas vozes (uma masculina e outra feminina). No contexto do cinema militante do PREC, A LEI DA TERRA é também exemplo de uma preocupação didática.

Qui. [10] 21:30 | sala Dr. Félix Ribeiro**APPLIED MAGNETICS – O INÍCIO DE UMA LUTA**

de Cinequipa

Portugal, 1975 – 43 min

CONTRA AS MULTINACIONAIS

de Cinequipa

Portugal, 1977 – 64 minutos

duração total da sessão: 107 minutos

APPLIED MAGNETICS e CONTRA AS MULTINACIONAIS constituem um díptico que retrata o vigor das lutas operárias em Portugal no ano de 1975 e os problemas que o país atravessava, com as deslocções de muitas empresas estrangeiras. Documentário de intervenção próximo do formato de reportagem, APPLIED MAGNETICS pode ser descrito como um filme “de detalhe” que acompanha a fase final do conflito que opunha os trabalhadores aos patrões americanos e o seu recurso ao Ministério do Trabalho, numa última tentativa de evitar o encerramento da fábrica. Partindo do primeiro filme, CONTRA AS MULTINACIONAIS tem propósitos mais amplos ao procurar enquadrar os problemas da Applied Magnetics numa realidade alargada e num discurso assumidamente anticapitalista, traduzido por uma omnipresente e panfletária voz *off*. Um aspecto curioso que atravessa estes dois filmes representativos do cinema revolucionário deste período é a encenação teatral por parte dos operários do seu processo de luta, um mecanismo que voltaremos a encontrar num dos documentários pertencentes à “trilogia” de António de Macedo sobre Unhais da Serra. APPLIED MAGNETICS é mostrado pela primeira vez na Cinemateca.

Sex. [11] 19:00 | sala Dr. Félix Ribeiro

MADANELA

de Manuel Costa e Silva

Portugal, 1977 – 27 min

GENTE DO NORTE OU A HISTÓRIA DE VILA RICA

de Leonel Brito

Portugal, 1977 – 53 min

duração total da sessão: 80 minutos

MADANELA documenta uma festa religiosa com características “laicas” e inscreve-se, como tantos outros filmes sobre o mundo rural português do mesmo período, nas tentativas de corrigir a imagem folclorizada do “povo” veiculada durante a ditadura. Na esteira de FESTA, TRABALHO E PÃO EM GRIJÓ DE PARADA (1973), o filme de Costa e Silva exhibe a urgência etnográfica típica dos registos de uma cultura em desaparecimento (ou pelo menos vista como tal). Produção da Cooperativa Cinequanon, GENTE DO NORTE é uma crónica de resistência e esperança sobre Moncorvo, em Trás-os-Montes. O passado, o presente e o futuro são analisados por Leonel Brito, que aborda os tempos de exploração das minas de volfrâmio e o cultivo dos campos, bem como os efeitos da emigração no esvaziamento da comunidade e no surto de novas construções. Os que chegaram das colónias cruzam-se assim com os que ainda partem. Música e canções de José Mário Branco.

Sex. [11] 22:00 | sala Luís de Pina**ASSEMBLEIA DE REALIZADORES NO I.P.C. APÓS 25 DE ABRIL FESTEJANDO O GOLPE DE ESTADO DE 25 DE ABRIL DE 1974, NA SEDE DO NÚCLEO DOS CINEASTAS INDEPENDENTES**

de Vítor Silva

Portugal, 1974 – 10 e 6 minutos

UM DOMINGO DIFERENTE

de Sindicato dos Profissionais de Cinema

Portugal, 1974 – 8 minutos

O OUTRO TEATRO OU AS COISAS PERTENCEM A QUEM AS TORNA MELHORES

de António de Macedo, Manuela Moura

Portugal, 1976 – 69 minutos

duração total da sessão: 93 minutos

Como reagiram as companhias de teatro e os realizadores e outros profissionais do cinema ao 25 de abril? Nos primeiros dias da revolução, Vítor Silva, importante cineasta amador, acompanhou as movimentações da gente do cinema no I.P.C. e na sede do Núcleo dos Cineastas Independentes. São filmes registados em Super 8 de um momento festivo que se caracterizava pela unidade antes do extremar de posições. UM DOMINGO DIFERENTE é um pequeno documentário que traduz o apoio e a mobilização dos membros do Sindicato dos Profissionais de Cinema na famosa jornada de trabalho nacional de 6 de outubro de 1974, um domingo em que propunham homenagear “o Movimento das Forças Armadas, o Governo e o Povo de Portugal”. Produção documental de registo militante, O OUTRO TEATRO incide sobre a realidade renovadora do teatro português dos anos setenta, anterior e posterior ao 25

de abril de 1974, propondo um olhar sobre as manifestações de teatro independente que partiram do gesto pioneiro do Teatro Experimental do Porto com António Pedro, também incluindo o teatro universitário, o Teatro Estúdio de Lisboa, os Bonecreiros, o Grupo 4, a Comuna, os Cómicos, a Cornucópia, o Adoque, o Teatro Experimental de Cascais, o Teatro Moderno de Lisboa. Citado pela imprensa da época, António de Macedo referiu-se ao filme, estreado na sala dos Bonecreiros, como “um objeto utilitário ao serviço da luta dos grupos de teatro independentes”.

Sáb. [12] 19:30 | sala Luís de Pina**PINTURA COLECTIVA – MOVIMENTO DEMOCRÁTICO DE ARTISTAS PLÁSTICOS**

de Instituto de Tecnologia Educativa

Portugal, 1975 – 14 min

KARL MARTIN

de Luís Noronha da Costa

Portugal, 1974 – 13 min

ROTURA

de Ana Hatherly

Portugal, 1977 – 16 min

ALTERNATIVA ZERO

de Fernando Curado Matos

Portugal, 1977 – 40 min, sem som

duração total da sessão: 83 minutos

À intervenção no campo do cinema correspondeu uma igual mobilização no domínio das artes plásticas. No dia 10 de junho de 1974, o Movimento Democrático dos Artistas Plásticos (criado poucos dias depois na revolução na SNBA) em colaboração com o MFA pintou uma enorme tela coletiva na Galeria de Arte Moderna de Belém. PINTURA

COLECTIVA regista um modo de empenhamento comunitário que se multiplicou um pouco por todo o país, juntando nomes sonantes da cena artística e cultural portuguesa dos anos setenta: Noronha da Costa, Fernando de Azevedo, Joaquim Rodrigo, Lourdes Castro, Costa Pinheiro, Eduardo Batarida, António Palolo. KARL MARTIN e ROTURA são dois “filmes de artistas”. O primeiro, cruza Karl Martin, Martin Heidegger e o Manifesto do Partido Comunista. ROTURA documenta uma performance realizada por Ana Hatherly na Galeria Quadrum em 1977, mostrando o confronto da artista com enormes suportes de papel, que rasga com vigor. Em ALTERNATIVA ZERO Fernando Curado Matos documentou em Super 8 a mítica exposição organizada por Ernesto de Sousa em 1977 na mesma Galeria de Belém centrada nas “Tendências Plásticas na Arte Portuguesa Contemporânea”.

Sáb. [12] 21:30 | sala Dr. Félix Ribeiro**CANDIDINHA**

de António de Macedo

Portugal, 1975 – 24 min

O CASO SOGANTAL

de Cinequipa

Portugal, 1975 – 45 min

duração total da sessão: 79 min

Dois filmes produzidos para históricas séries de televisão que se centram nos detalhes do processo revolucionário. CANDIDINHA documenta as movimentações no famoso atelier de alta-costura Lisboa, Candidinha. Com a fuga dos sócios gerentes, as trabalhadoras ocuparam as instalações no verão de 1975 procurando encarregar-se da produção e respetiva distribuição. O CASO SOGANTAL é um trabalho da Cinequipa com realização não creditada de Fernando Matos Silva

que acompanha o processo de luta das 48 operárias que laboram numa fábrica de confeções situada nos arredores do Montijo. O encerramento é a resposta da administração às suas reivindicações por direitos básicos como o salário mínimo, um mês de férias, respetivo subsídio e décimo terceiro mês. CANDIDINHA é uma primeira exibição na Cinemateca.

Seg. [14] 19:30 | sala Luís de Pina

POR UMA CULTURA POPULAR

A CAVALGADA SEGUNDO S. JOÃO, O BAPTISTA

de João Matos Silva

Portugal, 1976 – 56 min

AREIA, LODO E MAR

de Amílcar Lyra

Portugal, 1977 – 59 min

duração total da sessão: 115 min

A CAVALGADA SEGUNDO S. JOÃO, O BAPTISTA é apresentado como uma “reportagem dedicada ao povo de Monforte”. Filmado dois meses depois do 25 de abril é o retrato de uma aldeia despovoada pela emigração, sem água, luz ou esgotos. O texto é de Alfaced e, com uma dupla inscrição etnográfica e sociopolítica, documenta-se a tradição da conhecida Cavalgada Segundo S. João. AREIA, LODO E MAR concentra-se na vida da comunidade piscatória da ilha da Culatra, reenviando para uma realidade muito próxima de CONTINUARA A VIVER, de Cunha Telles. A belíssima fotografia que regista o quotidiano desta comunidade isolada que não deixa de ser confrontada com o processo revolucionário é de Elso Roque. A CAVALGADA SEGUNDO S. JOÃO não é visto há muitos anos na Cinemateca e AREIA, LODO E MAR é mostrado pela primeira vez em cópia nova.

Seg. [14] 22:00 | sala Luís de Pina

AÇÃO E INTERVENÇÃO

FIGHTING FOR WORKERS' POWER

de Newsreel Collective

Reino Unido, 1975 – 18 min

POR UMA COROA SUECA

de Cinequipa

Portugal, 1975 – 45 min

SETUBALENSE – UM JORNAL EM AUTOGESTÃO

de Amílcar Lyra

Portugal, 1976 – 27 min

duração total da sessão: 90 minutos

FIGHTING FOR WORKERS' POWER é da autoria do famoso Newsreel Collective e retrata entre outros acontecimentos o caso República e a ocupação da Rádio Renascença. Um filme que, curiosamente, termina com uma angariação internacional de fundos para apoiar a causa revolucionária. POR UMA COROA SUECA retrata os conflitos entre as trabalhadoras e os proprietários de uma empresa de confeções que, simbolicamente, a querem colocar à venda por uma coroa sueca. O filme acompanha as operárias na sua perseguição do patrão até ao Hotel Ritz, ao mesmo tempo que retrata a sua preocupação com a imagem reproduzida pelos órgãos de comunicação social. SETUBALENSE – UM JORNAL EM AUTOGESTÃO regista a luta dos trabalhadores por melhores salários e, mais tarde, por um jornal de esquerda. De 1976, revela claramente as contradições da sociedade portuguesa e as várias forças em confronto. O seu carácter polémico e a proximidade do 25 de novembro de 76, fez de SETUBALENSE uma das últimas produções da Cinequanon para a RTP. Com exceção de POR UMA COROA SUECA, são primeiras exibições na Cinemateca.

Ter. [15] 19:00 | sala Dr. Félix Ribeiro

POR UMA CULTURA POPULAR

CASEGAS 1 – PROCISSÃO DOS BÊBADOS

CASEGAS 2 – CHORAR O ENTRUDO

de Luís Galvão Teles

Portugal, 1975 – 73 min e 55 min

duração total da sessão: 128 min

Na aldeia de Casegas, concelho da Covilhã, a Páscoa é celebrada durante três dias. No sábado, os miúdos saem com chocalhos para tocar à porta dos que não se confessaram durante o ano. No domingo é a visita pascal, em que o pároco percorre as casas dando o Senhor a beijar. Após algumas palavras rituais, todos comem e bebem vinho ou água-pé. As cerimónias continuam na segunda-feira e o percurso revela-se excessivo.... Esta é a realidade retratada em PROCISSÃO DOS BÊBADOS. Em CHORAR O ENTRUDO Luís Galvão Teles prolonga a realidade do primeiro filme ao revelar outro aspecto do quotidiano de Casegas. Duas produções da Cinequanon de cariz etnográfico, sendo que a segunda é mostrada pela primeira vez na Cinemateca.

Ter. [15] 19:30 | sala Luís de Pina

POR UMA CULTURA POPULAR

A FESTA

Portugal, 1975 – 24 min

GENTE DA PRAIA DA VIEIRA

de António Campos

Portugal, 1975 – 73 min

duração total da sessão: 97 minutos

Com A FESTA e GENTE DA PRAIA DA VIEIRA, documentários filmados em 1975, António Campos obtém pela primeira vez um subsídio do Instituto Português de Cinema. As imagens do primeiro filme, a festa em honra de S. Pedro e benefício da capela local, em 9 e 10 de agosto de 1975, são inicialmente captadas para integrar GENTE

DA PRAIA DA VIEIRA. Ambos representam também o regresso de Campos à Vieira de Leiria, onde filmou as suas primeiras obras, aliás integradas em PRAIA DA VIEIRA, que recupera excertos de UM TESOIRO (1958) e a sequência final de A INVENÇÃO DO AMOR (1965) e cuja “ação” se divide entre a Praia e a aldeia do Escaropim, nas margens do Tejo, sob o signo da sociedade, da política, da cultura e da etnografia, agora no contexto revolucionário.

Ter. [15] 22:00 | sala Luís de Pina

POR UMA CULTURA POPULAR

ARGOZELO – À PROCURA DOS RESTOS DAS COMUNIDADES JUDAICAS

de Fernando Matos Silva

Portugal, 1977 – 104 min

Fernando Matos Silva deu-nos, em 1977, um “filme-inquerito” sobre as marcas recentes de um passado distante: a entrada de judeus em Portugal, na sequência da sua expulsão de Espanha pelos Reis Católicos, no final do século XV. Ao contrário dos documentários “estado-novistas”, ARGOZELO dá voz direta às populações filmadas, procurando reconstituir, através das suas memórias, as persistências culturais de um episódio local da diáspora judaica no mundo (“falar de Argozelo é ler as Escrituras”, diz o narrador a dado momento). O filme aborda as populações rurais, num período em que a redescoberta do mundo rural era, recorde-se, um valor em si mesmo e uma forma de militância política. Exato exemplo disto é o acompanhamento musical do filme, resultante das recolhas etno-musicológicas de Giacometti/Lopes Graça, como faz questão de sublinhar uma nota no final do filme.

Qua. [16] 19:00 | sala Dr. Félix Ribeiro

LÚCIA E CONCEIÇÃO

de Cinequipa

Portugal, 1974 – 26 min

LIBERDADE É NOME DE MULHER

de Cinequipa

Portugal, 1974 – 45 min

duração total da sessão: 71 minutos

LÚCIA E CONCEIÇÃO (realização não creditada de Fernando Matos Silva para a série da RTP “Ver e Pensar”) aborda a vida de duas raparigas da aldeia da Maia, nos Açores. Um documento fascinante sobre um Portugal onde ainda não tinha chegado a revolução pois, ao contrário de uma das jovens entrevistadas de outro filme que a Cinequipa fez para a televisão (APANHA DA AZEITONA), Lúcia e Conceição não leram Lenine e não defendem os ideais do PREC. São imagens produzidas para a RTP a partir de um lugar onde a televisão ainda não tinha chegado. LIBERDADE É NOME DE MULHER encontra-se no extremo oposto pela assertividade com que, no seu início, Maria Antónia Palla disserta sobre o papel das mulheres na revolução. Evocando o título de outra das famosas séries documentais que a Cinequipa produziu para a RTP neste período, e de que fazem parte outros filmes deste programa, (“Nome-Mulher”), o seu centro são os acesos acontecimentos do 28 de setembro. Nas imagens vemos Lisboa repleta de barricadas, reação popular às movimentações da “maioria silenciosa”.

Qua. [16] 22:00 | sala Luís de Pina**LIBERDADE PARA JOSÉ DIOGO**

de Luís Galvão Teles

Portugal, 1975 – 67 min

BARRINHOS – QUEM TEVE MEDO DO PODER POPULAR?

de Luís Filipe Rocha

Portugal, 1976 – 52 min

duração total da sessão: 119 minutos

BARRINHOS – QUEM TEVE MEDO DO PODER POPULAR? parte de um assassinato ocorrido num bairro de lata na periferia de Lisboa para prosseguir uma investigação sobre o bairro no contexto social e político pós-revolucionário, que então se vivia em Portugal. Testemunho do espírito da luta de classes da época, LIBERDADE PARA JOSÉ DIOGO segue o caso do operário agrícola alentejano de 36 anos, José Diogo, que, a 30 de setembro de 1974, matou o latifundiário Columbano Líbano Monteiro, para quem trabalhara como tratorista. Preso em Beja, José Diogo foi solto sob caução e posteriormente absolvido num julgamento popular que condenou postumamente Columbano.

Qui. [17] 19:00 | sala Dr. Félix Ribeiro**O ABORTO NÃO É UM CRIME**

de Cinequipa

Portugal, 1975 – 45 min

CLÍNICA POPULAR COMUNAL DA COVA DA PIEDADE**EMPREGADAS DOMÉSTICAS (PARA TODO O SERVIÇO)**

Portugal, 1975 e 1976 – 33 e 33 min

de Margarida Gil

duração total da sessão: 111 minutos

Uma sessão composta por três raridades produzidas para a RTP, que não são vistas

há muitos anos. O ABORTO NÃO É UM CRIME incide sobre esta questão, muito discutida logo após a revolução. Dada a polémica que lhe ficou associada, foi o projeto que determinou o fim da série televisiva “Nome-Mulher” e os seus autores acabaram em tribunal, num julgamento onde um fotograma do filme foi usado como prova. Um documentário polémico que retrata uma realidade polémica. Os dois filmes de Margarida Gil incidem sobre estas e outras questões relacionadas com a vida e os problemas das mulheres portuguesas. O primeiro recebeu um importante prémio em Leipzig. Primeiras exposições na Cinemateca.

Qui. [17] 22:00 | sala Luís de Pina**EMIGR ANTES... E DEPOIS?**

de António-Pedro Vasconcelos

Portugal, 1976 – 98 min

“Todos os anos, especialmente no mês de agosto, milhares de emigrantes voltam à sua aldeia, vindos sobretudo de França e da Alemanha. No verão de 1975, em plena efervescência política, esta reportagem tenta seguir, na zona da Guarda, algumas famílias de emigrantes, e fixar os dias de cerimónias religiosas (casamentos, procissões) e festividades tradicionais (como as touradas da raia) que então se celebram” (José de Matos-Cruz). EMIGR ANTES... E DEPOIS? é um documentário muito atento, que testemunha a grande deslocação das equipas de cinema das cidades para os campos à procura de um Portugal rural, mas também a frequente hostilidade com que muitas delas eram recebidas. Um filme que podemos mostrar agora numa cópia em vídeo, muitos anos depois da última exibição.

Seg. [21] 19:00 | sala Dr. Félix Ribeiro**AS DESVENTURAS DO DRÁCULA VON BARRETO NAS TERRAS DA REFORMA AGRÁRIA**

de Célula de Cinema do PCP

com Henrique Espírito Santo, Artur Semedo

Portugal, 1977 – 9 min

TERRA DE PÃO, TERRA DE LUTA

de José Nascimento

Portugal, 1977 – 68 min

duração total da sessão: 77 min

Realizado no âmbito de sessões de divulgação e esclarecimento sobre o trabalho do cinema desenvolvidas pela Célula de Cinema do PCP, o primeiro filme é uma sátira ao modo como era encarada a Reforma Agrária. O produtor Henrique Espírito Santo interpreta o próprio “Drácula Von Barreto”. Produzido pela Cinequipa, com comentário de Vítor Matias Ferreira e locução de Joaquim Furtado, TERRA DE PÃO, TERRA DE LUTA é uma das produções de militância cinematográfica do período “pós-revolucionário”. José Nascimento que, no mesmo ano, participou em CONTRA AS MULTINACIONAIS, produção coletiva da Cinequipa, filmou aqui o processo da Reforma Agrária. Um dos grandes clássicos do cinema mais militante da revolução.

Seg. [21] 22:00 | sala Luís de Pina**O SOL, A CHUVA E O DINHEIRO**

de Philippe Costantini

Portugal, 1975 – 27 min

TERRA DE ABRIL

de Philippe Costantini, Anna Glogowski

França, 1977 – 90 min

duração total da sessão: 111 min

Philippe Costantini e Anna Glogowski foram dois dos muitos estrangeiros que filmaram

em Portugal após o 25 de abril. O SOL, A CHUVA E O DINHEIRO é um documentário de 1975 que pode ser mostrado pela primeira vez na Cinemateca em cópia nova. Interessante trabalho de cariz etnográfico, produzido pelo Instituto de Tecnologia Educativa, autoapresenta-se como um “cinemoema” coletivo que envolve os habitantes de Tourém (Montalegre)”. Para filmar TERRA DE ABRIL, Philippe Costantini e Anna Glogowski leram Jorge Dias e partiram para Vilar de Perdizes, onde realizariam mais dois filmes. TERRA DE ABRIL acompanha os preparativos e a representação de um Auto Paixão de Cristo, que são intercalados com outros aspectos do quotidiano da povoação e dos seus habitantes. Oscilando entre a cor (a representação do Auto) e o preto e branco (tudo o resto), esta é também uma crónica de uma aldeia com uma forte tradição de emigração em tempo de eleições. Costantini será o responsável pelo som de MÁSCARAS.

Ter. [22] 19:00 | sala Dr. Félix Ribeiro

POR UMA CULTURA POPULAR

MÁSCARAS

de Noémia Delgado

Portugal, 1976 – 110 min

Noémia Delgado rodou MÁSCARAS entre o Natal de 1974 e a quarta-feira de cinzas de 1975 em Varge, Grijó da Parada, Bemposta, Pondence, Rio de Onor e Bragança. Centrando-se nos caretos tradicionais de Trás-os-Montes, o filme regista os rituais seculares do “Ciclo de inverno”, associados ao solstício e à iniciação à idade adulta. Ao registar um conjunto de tradições, cujo significado e rigor na representação se estavam a diluir progressivamente no tempo, reencenando mesmo algumas delas, Noémia Delgado fará muito pela recuperação e revitalização dessas mesmas tradições das “terras de feição ainda arcaizante do

Nordeste Trasmontano”, como introduz a voz de Alexandre O’Neill.

Ter. [22] 21:30 | sala Dr. Félix Ribeiro

AÇÃO E INTERVENÇÃO

OCUPAÇÃO DE TERRAS NA BEIRA BAIXA

Portugal, 1975 – 52 min

UNHAIS DA SERRA – TOMADA DE CONSCIÊNCIA POLÍTICA NUMA ALDEIA BEIRÃ

Portugal, 1975 – 35 min

TEATRO POPULAR – BEIRA BAIXA

de António de Macedo

Portugal, 1975 – 33 min

duração total da sessão: 120 min

Os três títulos da sessão são produções Cinequanon. OCUPAÇÃO DE TERRAS NA BEIRA BAIXA e UNHAIS DA SERRA dão a ver o processo de ocupação da Quinta da Vargem pelos trabalhadores na sequência da recusa do proprietário em aumentar salários e diminuir o número de horas de trabalho. TEATRO POPULAR regista a curiosíssima encenação de uma peça de teatro protagonizada por operários da Quinta da Vargem que, representando o seu próprio processo de luta, influenciaram determinadamente o modo como a aldeia vizinha encarava para tal ocupação. A um cinema de intervenção cor-respondia assim um teatro de intervenção.

Ter. [22] 22:00 | sala Luís de Pina

AÇÃO E INTERVENÇÃO

VENDEDORES AMBULANTES NO ROSSIO

de António Macedo

Portugal, 1974 – 36 min

LISBOA, O DIREITO À CIDADE

de Eduardo Geada

Portugal, 1974 – 90 min

duração total da sessão: 126 minutos

Como se reorganiza a cidade de Lisboa depois do 25 de Abril, quem tem o “direito à cidade”? VENDEDORES AMBULANTES NO ROSSIO (produção Cinequanon para a RTP) centra-se no fenómeno espontâneo da proliferação de vendedores no centro de Lisboa e na sua difícil convivência com os lojistas estabelecidos, até que se crie uma nova ordem legal que regule tal prática. Baseando-se em entrevistas de rua, Macedo acompanha o desenrolar dos acontecimentos de um modo muito perspicaz. LISBOA, O DIREITO À CIDADE é um dos projetos produzidos pelo Departamento de Programas Sociopolíticos da RTP, que foi responsável por este e outros filmes que visavam documentar os principais problemas que atravessava o país, como ADEUS, ATÉ AO MEU REGRESSO. Com um ponto de vista assumidamente marxista que domina a omnipresente voz *off*, LISBOA, O DIREITO À CIDADE é um documentário maioritariamente composto por planos-sequência em que Geada discursa livremente sobre as imagens da cidade.

Qua. [23] 19:00 | sala Dr. Félix Ribeiro

POR UMA CULTURA POPULAR

VEREDAS

de João César Monteiro

com Margarida Gil, António Mendes, Carmen Duarte, Francisco Domingues, Manuela de Freitas, Luís Sousa Costa

Portugal, 1977 – 120 min

Em VEREDAS João César Monteiro inspirou-se numa série de lendas e mitos populares portugueses para “fabricar” (como ele afirma no genérico) um filme que é uma reflexão sobre as nossas raízes culturais. É um magnífico trabalho, que dialoga com outros momentos da obra do realizador e com outros títulos fundamentais da cinematografia portuguesa da década

de setenta, como TRÁS-OS-MONTES de António Reis e Margarida Cordeiro. Depois dele realizaria curtas-metragens relacionadas com três contos tradicionais: A MÃE, DOIS SOLDADOS e AMOR DAS TRÊS ROMÃS, mas também SILVESTRE.

Qua. [23] 21:30 | sala Dr. Félix Ribeiro

AÇÃO E INTERVENÇÃO

ARQUITECTURA E HABITAÇÃO

de António de Macedo

Portugal, 1974 – 44 min

DIREITO À HABITAÇÃO

de Cinequipa

Portugal, 1975 – 48 min

duração total da sessão: 92 minutos

Em ARQUITECTURA E HABITAÇÃO António Macedo concentra-se nos problemas de dois centros urbanos, Lisboa e Vila Franca de Xira, recolhendo os testemunhos de arquitetos, alunos de Arquitetura da Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa, mas também de meros transeuntes. A entrevista afirma-se assim, mais uma vez, como um dos principais instrumentos ao serviço destes filmes próximos da reportagem. DIREITO À HABITAÇÃO concentra-se em novembro de 1995 e acompanha o projeto do SAAL Norte e as aspirações das populações urbanas da região. “Casas Sim, Barracas Não” é das frases mais ouvidas entre as conquistas das comissões de moradores e a denúncia dos ataques bombistas às instalações do SAAL.

Qua. [23] 22:00 | sala Luís de Pina

GUINÉ BISSAU: INDEPENDÊNCIA

de António H. Escudeiro

Portugal, 1977 - 22 min

ADEUS, ATÉ AO MEU REGRESSO

de António-Pedro Vasconcelos

Portugal, 1974 - 70 min

duração total da sessão: 92 minutos

O documentário de António Escudeiro introduz mais uma das questões mais “quentes” do pós-25 de abril com a sua síntese histórica sobre a independência da Guiné Bissau, que percorre a história do país desde a sua colonização até à admissão na ONU, passando pela guerra de libertação e pelo complexo processo negocial após o 25 de abril. Realizado para televisão em dezembro de 1974, ADEUS, ATÉ AO MEU REGRESSO adota a expressão utilizada pelos soldados portugueses quando, do teatro de guerra, enviavam as suas mensagens de Natal para a metrópole, como então também se dizia. Há testemunhos impressionantes, como o de um ex-combatente que relata as dificuldades sentidas pelos soldados para pagarem as urnas dos colegas mortos, ou a carta lindíssima de um outro que, em 1965, descrevia à mulher a falta de sentido da guerra. António-Pedro Vasconcelos regista as palavras destes soldados que combateram na Guiné refletindo sobre a guerra colonial portuguesa quando esta era ainda uma realidade muito presente.

Qui. [24] 19:00 | sala Dr. Félix Ribeiro

INTERROGAR A REVOLUÇÃO

BOM POVO PORTUGUÊS

de Rui Simões

com Augusto de Figueiredo, Cecília Guimaráes, Helder Costa, Manuel Martins

Portugal, 1980 - 132 min

Entre duas datas, o 25 de abril e o 25 de novembro e duas sequências, de

nascimento e de morte, BOM POVO PORTUGUÊS descreve os acontecimentos políticos através das suas imagens (Governos Provisórios, 11 de março, 28 de setembro, comícios e movimentações partidárias) postas a par de imagens de trabalho e de lazer do povo português nos campos e nas fábricas. Em *off*, um texto escrito por Teresa Sá e dito por José Mário Branco. Um dos primeiros grandes filmes a interrogar a revolução no seu conjunto.

Qui. [24] 21:30 | sala Dr. Félix Ribeiro

AÇÃO E INTERVENÇÃO / O CASO TORRE BELA

COOPERATIVA AGRÍCOLA TORRE BELA

de Luís Galvão Teles

Portugal, 1975 - 55 min

TORRE BELA (UMA COOPERATIVA POPULAR)

de Vítor Silva

Portugal, 1975 - 45 min

duração total da sessão: 100 min

O caso Torre Bela é famoso. Se hoje é sobretudo conhecido pelo filme de Thomas Harlan ou pelo mais recente documentário de José Filipe Costa (LINHA VERMELHA), que o revisita, foram vários os realizadores que filmaram a evolução dos acontecimentos durante a ocupação da herdade. Luís Galvão Teles foi um dos primeiros que os registou num documentário produzido pela Cinequanon, muito falado na época. No âmbito do cinema amador, encontramos o filme de Vítor Silva que, com a sua câmara Super 8, filmou os conflitos nas terras do Duque de Lafões, bem como as dificuldades encontradas pelos camponeses na sua forma de organização popular. Dois filmes que nunca foram mostrados na Cinemateca, a antecipar a projeção da nova cópia restaurada do TORRE BELA de Harlan, no dia 25.

Qui. [24] 22:00 | sala Luís de Pina**PROGRAMA ESPECIAL
25 DE ABRIL**

No dia 25, a Cinemateca abre as suas salas a um programa especial dedicado às primeiras imagens e primeiros filmes da revolução, como o fundamental filme coletivo AS ARMAS E O POVO e CAMINHOS DA LIBERDADE, que inclui também a projeção da cobertura televisiva dos acontecimentos de 25 de abril de 1974, que constituiu uma emissão histórica, e “brutos” primeiros dias. O programa, que será divulgado em breve em detalhe, envolve ainda a projeção de um restauro do mítico TORRE BELA, de Thomas Harlan.

CASAS SIM, BARRACAS NÃO!

de Nuno Monteiro Pereira

Portugal, 1975 - 15 min

A ÚLTIMA GUERRA

de João Paulo Ferreira, António Cunha

Portugal, 1980 - 40 min

JÚLIO DE MATOS HOSPITAL...?

de José Carlos Marques

Portugal, 1974 - 28 min

duração total da sessão: 83 min

Sessão dedicada ao cinema amador e ao modo como este acompanhou os acontecimentos do Portugal pós-revolucionário. Em CASAS SIM, BARRACAS NÃO! Nuno Monteiro Pereira aborda a questão da habitação partindo de um dos principais *slogans* da altura. A ÚLTIMA GUERRA, de João Paulo Ferreira (autor do festivo FATUCHA SUPERSTAR, recentemente mostrado na Cinemateca) e António Cunha, dois dos principais praticantes do “formato reduzido” em Portugal, centra-se nas consequências da guerra colonial. A terminar a sessão, um filme poderosíssimo sobre a realidade concentracionária do hospital Júlio de Matos, que denuncia a degradação e a sordidez com que eram tratados os doentes num hospital que chegou a ser apresentado como um modelo. Rodado em Super 8, o seu impacto foi tal, que conheceu estreia comercial. JÚLIO DE MATOS HOSPITAL...? e CASAS SIM, BARRACAS NÃO! são mostrados pela primeira vez na Cinemateca.

Sáb. [26] 19:30 | sala Luís de Pina

INTERROGAR A REVOLUÇÃO

QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA?

de João César Monteiro

Portugal, 1975 - 66 min

Manifestações operárias contra a presença de Portugal na NATO junto às águas do

Tejo cruzam-se com cenas de NOSFERATU, o vampiro de Murnau, que desembarca ameaçadoramente. A realidade política portuguesa é ainda confrontada com uma marginalidade que desafia a moral conservadora. Com a forte marca de autor que ao quarto filme já se lhe reconhecia, QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA? alimentou discussões e polémicas na altura da sua estreia, nomeadamente através de um aceso debate televisivo cujas querelas se prolongariam nas páginas dos jornais.

Sáb. [26] 21:30 | sala Dr. Félix Ribeiro

ACÇÃO E INTERVENÇÃO

ANO 1º - 1º DE MAIO DE 1975

Portugal, 1976 - 10 minutos

JORNAL CINEMATOGRAFICO NACIONAL

A (out. 75), B (nov. 75), nº1 (nov.75), nº25 (mai. 77)

Portugal, 1975-1977 - 38 min

TARRAFAL, CAMPO DA MORTE LENTA

de Unidade de Produção nº1

Portugal, 1978 - 27 minutos

duração total da sessão: 66 minutos

Sessão inteiramente dedicada à relação das “atualidades” com a “atualidade política” e à Unidade de Produção nº1, núcleo de produção criado no interior do Instituto Português de Cinema após o 25 de abril com vista à dinamização política, que foi responsável por um conjunto de pequenos filmes de âmbito documental, mas também pelo JORNAL CINEMATOGRAFICO NACIONAL. Trata-se de um jornal de atualidades com uma grande importância histórica que seguia estilisticamente as fórmulas herdadas das atualidades anteriores, se bem que subordinado a uma nova ordem discursiva, com fortes ligações ao Partido Comunista. Realizado

entre os anos de 1975 e 1977, é extremamente interessante perceber como são comentados os acontecimentos que nos são mostrados e o que nos é mostrado. TARRAFAL, CAMPO DA MORTE LENTA é um impressionante documento sobre uma das piores prisões do Estado Novo.

Seg. [28] 19:30 | sala Luís de Pina

POR UMA CULTURA POPULAR

PROVAS PARA UM RETRATO EM CORPO INTEIRO

de José Alves Pereira, José Bogalheiro, Pedro Massano Amorim com Pauliteiros de Miranda, Maria Albertina, Banda do Casaco, GAC - Vozes na Luta, Eugénio de Andrade Portugal, 1978 - 95 min

Retrato de um país e da sua cultura popular, expressamente realizado para a difundir junto das comunidades emigrantes espalhadas pela Europa. Recusando o planfletarismo que caracteriza grande parte da produção documental deste período pós-revolucionário (e que está bem presente na sessão anterior dedicada à Unidade de Produção nº1) PROVAS PARA UM RETRATO EM CORPO INTEIRO dispensa quase inteiramente a voz *off* e integra depoimentos e representantes de diferentes tendências musicais (etnográfica, folclórica, ligeira e de intervenção). No final, Eugénio de Andrade lê cinco poemas. Para além da realidade rural de norte a sul do país, o filme integra imagens da primeira projecção de NÓS POR CÁ TODOS BEM, de Fernando Lopes, na aldeia da Várzea dos Amarelos, onde foi filmado.

Seg. [28] 22:00 | sala Luís de Pina

POR UMA CULTURA POPULAR

O MUSEU

de Rui Simões

Portugal, 1976 - 15 min

O MOVIMENTO DAS COISAS

de Manuela Serra

com participação do povo de Lanheses

Portugal, 1985 - 85 min

duração total da sessão: 100 min

O MOVIMENTO DAS COISAS é um dos filmes mais curiosos que nas décadas de setenta e oitenta abordaram o universo rural do norte português. Começado a desenvolver no interior da Cooperativa VirVer, em cujos projetos Manuela Serra trabalhou durante vários anos, só seria concluído algum tempo depois. Contudo, tudo aquilo que terá sido a razão de ser da maior parte dos outros filmes parece ter sido depurado, senão eliminado. A sua simplicidade só parece ter paralelo na descrição com que foi recebido (nunca chegou a estrear comercialmente). Precisar-se-á este “filme sobre o tempo” de uma prova do tempo? O MUSEU, curta-metragem de Rui Simões desenvolvida no âmbito da VirVer (que contou com a colaboração de Manuela Serra) centra-se no trabalho mineiro da região de São Pedro da Cova, sendo esta a sua primeira apresentação na Cinemateca.

Ter. [29] 21:30 | sala Dr. Félix Ribeiro

POR UMA CULTURA POPULAR

CONTINUAR A VIVER - OS ÍNDIOS DA MEIA PRAIA

de António da Cunha Telles

com José Veloso, José Romão/Foinhas, Fernando Romão, pescadores da Meia Praia

Portugal, 1976 - 108 min

Cunha Telles filmou a experiência levada a cabo após o 25 de abril de 1974 na comunidade piscatória da Meia Praia,

em Lagos: entre 74 e 76 foi ensaiado um projeto que implicou a substituição das casas tradicionais por moradias de pedra e a tentativa de criação de uma cooperativa de pesca. OS ÍNDIOS DA MEIA PRAIA conta com a célebre e lindíssima canção de Zeca Afonso. Esta projecção é uma ponte para a retrospectiva Cunha Telles, que começará em breve na Cinemateca.

Qua. [30] 15:30 | sala Dr. Félix Ribeiro

INTERROGAR A REVOLUÇÃO

GESTOS & FRAGMENTOS

de Alberto Seixas Santos

com Otelo Saraiva de Carvalho,

Eduardo Lourenço, Robert Kramer

Portugal, 1982 - 90 min / versão original legendada em inglês

“Ensaio sobre os militares e o poder”, frase que também pertence ao título de GESTOS E FRAGMENTOS, resume o espírito do filme, assente em três pontos de vista sobre o mesmo tema: os de Otelo Saraiva de Carvalho e de Eduardo Lourenço, nos seus próprios papéis, e o protagonizado por Robert Kramer, como um jornalista americano embrenhado na procura de explicações para o processo tomado pela Revolução portuguesa. “Certeiro e mortífero”. Um dos mais impressionantes olhares cinematográficos sobre a revolução de abril. O filme também está programado “em contexto” nas sessões “A Cinemateca com o IndieLisboa”.

Qua. [30] 21:30 | sala Dr. Félix Ribeiro

Programa sujeito a alterações.

Horário da bilheteira:

seg./sáb., 14:30 - 15:30 e 18:00 - 22:00

Não há lugares marcados

Bilhetes à venda no próprio dia

Classificação Geral dos Espectáculos: maiores de 12 anos

Rua Barata Salgueiro 39 em Lisboa

www.cinemateca.pt